

**ESTADO E RELIGIÃO COMO DISPOSITIVOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER NA LITERATURA ARGENTINA CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO DE
CATEDRALES, DE CLAUDIA PIÑEIRO**

**STATE AND RELIGION AS DEPLOYMENTS OF VIOLENCE AGAINST WOMEN
IN CONTEMPORARY ARGENTINE LITERATURE: A STUDY OF *CATEDRALES*,
BY CLAUDIA PIÑEIRO**

Carolina Montebelo Barcelos¹

RESUMO

A literatura latino-americana contemporânea vem abordando a violência de gênero, em que se sobressai a escrita de mulheres. Desse modo, examina-se, neste artigo, como o Estado e a religião agem como dispositivos de biopoder, na perspectiva foucaultiana, de violência contra a mulher, por meio de *Catedrales* (2020), da argentina Claudia Piñeiro. Em linhas gerais, o romance, com traços do gênero policial, aborda a história de Ana, uma adolescente de dezessete anos que aparece esquartejada e queimada. O caso é encerrado como crime sexual sem culpados e, a partir desse momento, sua família aos poucos começa a se desintegrar. É por meio de vozes narrativas de sete personagens que o leitor pode desvendar o crime e suas motivações. O extremismo religioso, que atravessa toda a narrativa, é uma marca da violência que reverbera no corpo feminino. Para fins de suporte teórico, além dos conceitos de dispositivo e biopoder, são cotejados com o romance análises da violência contra a mulher levadas a cabo pelas antropólogas Rita Laura Segato e Marcela Lagarde y de Los Ríos, assim como pela filósofa Silvia Federici. Partindo dos pressupostos teóricos utilizados e a correspondente análise do romance, considera-se, à guisa de conclusão, como a estrutura patriarcal – a religião uma ramificação dela – arraigada na sociedade latino-americana é responsável pela violência de gênero em todas as instâncias, não obstante as recentes políticas públicas de combate à violência contra a mulher.

Palavras-chave: literatura argentina contemporânea, violência contra a mulher; dispositivo, patriarcado.

ABSTRACT

Contemporary Latin American literature has been addressing gender-based violence, in which writing by women stands out. In this way, this article examines how State and religion act as deployments of biopower, from Foucault's perspective, of violence against women, through *Catedrales* (2020), by Argentinean Claudia Piñeiro. In

¹ Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio). Pós-doutorado (UERJ). E-mail: carolinambarcelos@hotmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5140987399264843>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2644-0704>

general terms, the novel, with traces of the murder mystery genre, covers the story of Ana, a seventeen-year-old teenager who appears dismembered and burned. The case is closed as a sexual crime with no culprits and, from that moment on, her family slowly begins to disintegrate. It is through the narrative voices of seven characters that the reader can unravel the crime and its motivations. Religious extremism, which runs throughout the narrative, is a mark of the violence that reverberates in the female body. For theoretical support purposes, in addition to the concepts of deployment and biopower, analysis of violence against women carried out by anthropologists Rita Laura Segato and Marcela Lagarde y de Los Ríos, as well as by philosopher Silvia Federici, are compared with the novel. Based on the theoretical assumptions used and the corresponding analysis of the novel, it is considered, by way of conclusion, how the patriarchal structure - religion a branch of it - rooted in Latin American society is responsible for gender violence in all instances, despite recent public policies to fight violence against women.

Keywords: contemporary Argentine literature, violence against women; device, patriarchy.

Introdução

O argumento feminista inicial de que a violência contra as mulheres não é inerentemente um assunto privado, mas foi privatizada pelas estruturas sexistas do Estado, da economia e da família, teve um impacto poderoso na consciência pública². Angela Davis

De acordo com a ONU Mulheres (2017), a América Latina é a região do mundo, fora das zonas de guerra, com os maiores índices de violência contra as mulheres e de feminicídio, e a Argentina é um dos países que lideram tais índices. Em uma perspectiva sociológica, podemos asseverar que todas as formas de violência contra a mulher na América Latina são reverberações de nossa estrutura patriarcal que opera inequivocamente para a manutenção do poder masculino branco e heterossexual. Conforme assinalado por Marcela Lagarde y de Los Ríos, “[...] a violência se incuba na sociedade e no Estado devido à desigualdade geral patriarcal³” (Lagarde y de Los Ríos, 2004, p. 6, tradução nossa).

² No original: “The early feminist argument that violence against women is not inherently a private matter, but has been privatized by the sexist structures of the state, the economy, and the family has had a powerful impact on public consciousness”. Tradução nossa.

³ No original: “[...] la violencia se incuba en la sociedad y en el Estado debido a la inequidad genérica patriarcal”.

Nesse contexto, Rita Laura Segato aponta que “[...] o Estado é sempre patriarcal, não pode deixar de sê-lo, pois sua história não é outra coisa que a história do patriarcado⁴” (Segato, 2021, p. 109, tradução nossa). Segato explica que a estrutura patriarcal foi sedimentada no processo de colonização, em que os homens eram os interlocutores privilegiados pelos colonizadores, que angariavam, assim, aliados masculinos (Segato, 2021, p. 118-119, tradução nossa). Ao utilizar o trinômio *patriarcal-colonial-modernidade* para se referir à opressão das mulheres latino-americanas, a socióloga argentina explica como uma das principais prioridades do patriarcado é se apropriar do corpo das mulheres (Segato, 2021, p. 13, tradução nossa).

A religião, principalmente nas suas vertentes extremista e fundamentalista, contribui com a promoção e perpetuação da violência contra a mulher. Destarte, o cristianismo, conforme interpretado e praticado na América Latina por diversas igrejas e organizações religiosas cristãs, reforça as duas *leis do patriarcado* (cf. Segato, 2006): a norma do controle ou posse sobre o corpo feminino e a norma da superioridade masculina.

Sob essa perspectiva crítica do patriarcalismo latino-americano, examina-se, neste artigo, como o Estado e a religião agem como dispositivos de biopoder, na perspectiva foucaultiana, de violência contra a mulher, por meio de *Catedrales* (2020), da argentina Claudia Piñeiro.

Por sua obra literária, teatral e jornalística, Piñeiro já recebeu diversas traduções e premiações, além de colaborar como roteirista em séries da Netflix. A escritora faz parte de uma nova geração literária da Argentina que consta também de nomes como Samanta Schweblin, Selva Almada, Mariana Enriquez, Gabriela Cabezón Cámara e Agustina Bazterrica, cujas muitas narrativas podem ser lidas no âmbito do horror literário com recorte de gênero.

Nesse sentido, ao refletir sobre a literatura latino-americana deste século XXI, Ana Gallego Cuiñas aponta para a pluralidade de gêneros e temas, mas também chama atenção para a escrita de mulheres que vem ganhando protagonismo, principalmente em relação ao discurso feminista e à visibilidade da violência machista

⁴ No original: “[...] el Estado es siempre patriarcal, no puede dejar de serlo, pues su historia no es otra cosa que la historia del patriarcado”.

(Cuiñas, 2018, p. 1). Ainda, quanto ao panorama literário argentino contemporâneo, Cuiñas assinala que neste século as autoras alcançaram um nível de legitimidade na academia e em editoras, assim como no circuito nacional e internacional, jamais visto antes (Cuiñas, 2020, p. 71).

Porque sua morte foi vontade de Deus

Sumariamente, em um romance policial tradicional, há um detetive, ou até mesmo um personagem comum, que investiga um crime cujas pistas são em geral diluídas ao longo da narrativa. Salvo exceções, nesses romances a identidade do criminoso só é revelada no final.

Quando *Catedrales* ganhou o prêmio Hammet⁵ em 2021, o júri considerou se tratar de “um romance policial não canônico em que, de forma coral, cada personagem contribui com sua versão para a construção da história⁶” (Lartategui, 2021, [n.p.], tradução nossa). Desse modo, a escrita de Claudia Piñeiro rompe com os moldes do romance policial tradicional – ou canônico – ao, primeiramente, deslocar para o leitor o que seria o papel do investigador e, além disso, ao não eleger protagonistas, confere a diversos personagens importância na construção da narrativa. Assim, por meio da polifonia, cada versão ou memória desses personagens contribui com pistas que, compreendidas pelo leitor, levam à identidade do(s) criminoso(s) bem antes do término do romance.

Em linhas gerais, *Catedrales* aborda a história de Ana Sardá, uma adolescente de dezessete anos cujo corpo aparece esquartejado e carbonizado em um terreno baldio. O caso é encerrado como crime sexual sem culpados. Trinta anos depois, quando dá-se o início do romance, sua família encontra-se desintegrada.

Às sete vozes narrativas que compõem o romance são dedicados cada um dos seis capítulos e o epílogo, nesta ordem: Lía, a irmã do meio de Ana; Mateo, filho de Carmen, a irmã mais velha; Marcela, a melhor amiga de Ana; Elmer, criminalista que participou da autópsia; Julián, marido de Carmen; Carmen e, finalmente, Alfredo, pai

⁵ Esse prêmio, em homenagem ao escritor estadunidense Dashiell Hammet, é concedido ao melhor romance policial escrito em espanhol pela Asociación Internacional de Escritores Policiacos (AIEP).

⁶ No original: “una novela negra no canónica en la que, de forma coral, cada personaje aporta su versión a la construcción de la historia”.

de Carmen, Lía e Ana, o único membro da família Sardá que nunca desistiu de saber sobre o assassinato da filha.

No terceiro capítulo, por meio das memórias de Marcela, é revelado que Ana morreu nos braços de sua melhor amiga no banco da igreja que os Sardá frequentavam. A então adolescente havia se enamorado de um homem, cujo nome ela se recusava a dizer à amiga, e manteve um relacionamento dito proibido com ele até engravidar. Sua morte, então, foi em decorrência de um aborto clandestino realizado em condições insalubres. Logo sabemos que para ocultar o aborto e, portanto, a identidade do homem do qual Ana engravidou, seu corpo foi esquartejado e carbonizado.

Em vista disso, o romance sinaliza com três tipos de violência contra a mulher: a brutalidade com seu corpo, ou seja, o esquartejamento e a carbonização; o aborto em condições precárias, por ser ilegal; e a não resolução do crime. No primeiro, a imagem do corpo dilacerado e queimado já é em si atroz. Por seu turno, as consequências do aborto insalubre são terrivelmente descritas no romance e, a esse respeito, podemos recorrer a Marcela Lagarde y de los Ríos ao asseverar que “o feminicídio é um genocídio contra as mulheres e ocorre quando as condições históricas geram práticas sociais que permitem ataques contra a integridade, a saúde, as liberdades e a vida das mulheres⁷” (Lagarde y de los Ríos, 2004, p. 7, tradução nossa). Assim como ocorre com muitas mulheres na sociedade latino-americana, a escolha pelo aborto no romance acontece porque Ana teme ser discriminada socialmente e o seu parceiro não quer assumir o filho.

No que concerne ao crime oficialmente irresoluto em *Catedrales*, Piñeiro aponta para a irresponsabilidade do Estado, na figura das instituições policiais e jurídicas. Desse modo, mesmo depois de morta, Ana ainda é vítima de violência devido à impunidade de seus algozes. O Estado, ao invés de coibir o feminicídio, alimenta a violência contra a mulher ao falhar em solucionar crimes e punir seus responsáveis. Destarte, como lamenta Alfredo, pai da vítima: “Na história de Ana há

⁷ No original: “el feminicidio es el genocidio contra mujeres y sucede cuando las condiciones históricas generan prácticas sociales que permiten atentados contra la integridad, la salud, las libertades y la vida de las mujeres”.

um grande paradoxo: para a lei, a única que cometeu crime é ela, porque fez um aborto⁸” (Piñeiro, 2020, p. 159, tradução nossa).

Um elemento que atravessa todo o romance e que é fundamental tanto no ardil para o cometimento dos crimes contra a personagem Ana como para a impunidade do caso é a religiosidade. Se para Carmen a morte da irmã foi vontade de Deus (Piñeiro, 2020, p. 138, tradução nossa) e por seu extremismo religioso a mãe se resignou desde logo com o crime bárbaro cometido contra a filha, Lía, ao ser chamada para uma oração no velório de Ana e declarar seu ateísmo para a família, foi rechaçada: “Desde o momento em que anunciei meu ateísmo, minha família velou não só o corpo de minha irmã, mas também minha fé⁹” (Piñeiro, 2020, p. 6, tradução nossa). Assim, como observa Ana Margarita Barandela, o romance inicia com a morte física de Ana e a morte social de Lía (2021, p. 25) e acrescenta: “Ao declarar seu ateísmo, Lía sofre a violência da exclusão, o castigo do silêncio e da invisibilidade social¹⁰” (Barandela, 2021, p. 25, tradução nossa).

Em um denso estudo sobre o papel que a religião, mormente o cristianismo, dentre outras, exerce sobre a violência contra meninas e mulheres, Elisabet Le Roux sustenta que “religião e cultura estão inerentemente entrelaçadas¹¹” (Le Roux, 2023, p. 37, tradução nossa) e que instituições religiosas promovem práticas prejudiciais às mulheres alicerçadas em ideias e preceitos religiosos, tais como virgindade, pureza sexual e castidade, que, embora muitas vezes tenham consequências danosas, são práticas consideradas virtuosas e que impedem o pecado maior, que seria a impureza sexual (Le Roux, 2023, p. 42, tradução nossa). Portanto, para não ser maculada socialmente por engravidar solteira, Ana recorre ao aborto clandestino, e, em nome do catolicismo, seu amante se esquia inicialmente em apoiá-la na decisão ou em acompanhá-la no procedimento. Também em nome da religião, no que seria salvar um casamento, uma vez que, seguindo a reflexão de Le Roux, os espaços religiosos cristãos vilanizam a sexualidade, só admitindo o sexo dentro do matrimônio (Le

⁸ No original: “En la historia de Ana, hay una gran paradoja: para la ley, la única que cometió un delito es ella, porque aborto”.

⁹ No original: “A partir de que anuncié mi ateísmo, mi familia veló no sólo el cuerpo de mi hermana, sino mi fe”.

¹⁰ No original: “Al declarar su ateísmo se produce sobre Lía la violencia de la exclusión, el castigo del silencio y la invisibilidad social.

¹¹ No original: “religion and culture are inherently entangled”.

Roux, 2021, p. 46), ele e a futura esposa procuram ocultar todo o ocorrido esquivando e carbonizando o corpo de Ana.

Le Roux intersecciona religião e patriarcalismo, de forma que as instituições e os preceitos religiosos “não estão apenas envolvidos em algumas práticas patriarcais emprestadas de uma sociedade patriarcal, mas são uma estrutura chave que apoia e perpetua o patriarcado¹²” (Le Roux, 2021, p. 47, tradução nossa). A pesquisadora também chama atenção para o papel que muitas mulheres exercem reforçando, se adequando ou apoiando a ordem patriarcal, ao qual ela refere como *formenism*. Tal termo, que se aproxima do português como masculinismo, se apoia na ideia, muito enraizada em vertentes extremistas cristãs, de uma superioridade inerente ao homem.

É nesse sentido, pois, que *Catedrales* pode também ser lido, denunciando como homens e mulheres dentro da estrutura patriarcal, a religião uma ramificação dela, contribuem para a violência de gênero, uma vez que o crime hediondo perpetrado no corpo de Ana é justificado e realizado por Julián, então membro da igreja, e por Carmen, irmã da vítima. Desse modo, podemos pensar no romance à luz de uma pauta feminista com a qual Claudia Piñeiro coaduna, pelos direitos das mulheres, como o aborto legal e seguro, e a liberdade sexual, isto é, corpos femininos livres para exercerem a sexualidade.

Ainda em relação à religião como substância do patriarcalismo latino-americano, podemos, a partir do romance em questão, pensá-la como dispositivo de biopoder na manutenção do status quo da ordem patriarcal. Partindo da premissa do conceito de dispositivo como imperioso no pensamento de Michel Foucault, Giorgio Agamben assinala que se trata de um conjunto heterogêneo que “tem uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder” (Agamben, 2005, p. 10).

Ademais, o dispositivo de biopoder diz respeito a um conjunto de mecanismos que regem e controlam uma sociedade, de forma que corpos também possam ser disciplinados. Nesse sentido, como assevera o filósofo francês: “Mas um poder que tem a tarefa de se encarregar da vida terá necessidade de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos” (Foucault, 2012, p. 157). Assim, o corpo de Ana pode ser

¹² No original: “are not merely engaging in a few patriarchal practices borrowed from a patriarchal society, but are a key structure supporting and perpetuating patriarchy”.

entendido, na perspectiva da sociedade patriarcal latino-americana, como um corpo indisciplinado e desobediente à ordem social.

O sexo seria central, na perspectiva foucaultiana, na articulação dos mecanismos de poder que formam o biopoder: a disciplina e o controle do corpo do indivíduo, e a biopolítica, que diz respeito à gestão dos indivíduos como uma população: “De um lado, da parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia de energias. Do outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz” (Foucault, 2012, p. 158).

Dessa forma, sendo o biopoder o poder que se ocupa da sexualidade, disciplinando e normatizando os indivíduos, é possível traçar uma equivalência entre o biopoder e o poder patriarcal, estendendo, assim, essa hipótese, para *Catedrales*, romance em que os termos do contrato sexual tacitamente aceitos servem para punir a mulher que não corresponde a eles. Ademais, como o biopoder tem a capacidade de “fazer viver ou deixar morrer” (Foucault, 2012, p. 194), só resta a essa mulher uma morte brutal e, ao seu corpo, a aviltção feroz, de modo que não lhe reste qualquer resquício de dignidade.

Considerações finais

A personagem Ana sofre diversas violências em *Catedrales*: o aborto realizado precariamente e que a levou a óbito; o esquartejamento e a carbonização de seu corpo para encobrir o aborto, e, logo, para impedir que a identidade do homem que a engravidou fosse descoberta; e a impunidade dos crimes. Tais violências ilustram o pensamento de Rita Laura Segato de que “Em um meio dominado pela instituição patriarcal, atribui-se menos valor à vida das mulheres e há maior propensão para justificar os crimes que sofrem ” (Segato, 2006, p. 3, tradução nossa). Inclusive, Carmen e Julián acreditam que pôr fim de maneira cruel ao corpo de Ana se justifica por estarem salvando o relacionamento deles e futuro casamento.

A partir da constatação de que “A violência de gênero é um mecanismo político cujo fim é manter as mulheres em desvantagem e em desigualdade no mundo

e nas relações com os homens [...] reproduz o domínio patriarcal¹³” (Lagarde y de los Ríos, 2004, p. 6, tradução nossa), Marcela Lagarde y de los Ríos desenvolveu o termo *cativeiro* como categoria, em uma perspectiva antropológica, para analisar o lugar da mulher na América Latina patriarcal. Desse modo, ou as mulheres estão sempre cativas, pois “o cativeiro caracteriza as mulheres pela sua subordinação ao poder¹⁴” (Lagarde y de los Ríos, 2015, p. 80, tradução nossa), assim como “pela privação da liberdade, pela opressão¹⁵” (Lagarde, y de los Ríos 2015, p. 80, tradução nossa), ou, se se querem plenamente livres, correm o risco de serem uma Ana Sardá.

Adicionalmente, podemos interpretar o corpo carbonizado de Ana como aquele das consideradas *bruxas* na Idade Média– mulheres que de alguma maneira desafiavam as normas sociais, políticas e religiosas. Como assinala Silvia Federici, quando as mulheres eram lançadas à fogueira na Inquisição, não eram necessariamente os corpos delas que eram destruídos, “mas todo um universo de relações sociais que fora a base do poder social das mulheres” (Federici, 2019, p. 72). Passados alguns séculos, a filósofa ítalo-americana vê nos tempos atuais o mesmo *modus operandi*: “encontramos nas raízes dessa nova perseguição muitos dos fatores que instigaram as caças às bruxas do séculos XVI e XVII, tendo como justificativas ideológicas a religião e a regurgitação de predisposições das mais misóginas” (Federici, 2019, p. 34). Assim dizendo, em uma sociedade em que uma mulher não pode exercitar sua sexualidade livremente, não pode realizar aborto de forma segura, pois ambos são coibidos pela ordem patriarcal – machista, misógina – alicerçada pela religião, ela, conforme *Catedrales*, morre e tem seu corpo desmembrado e queimado.

Elódia Xavier, ao analisar diversos romances brasileiros escritos por mulheres, elaborou alguns termos sobre a representação de corpos, principalmente femininos, nessas narrativas. Um deles é o que ela denomina o *corpo erotizado*, “um corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer” (Xavier, 2021, p. 171). Esse seria, inicialmente, o corpo da personagem Ana Sardá.

¹³ No original: “La violencia de género es un mecanismo político cuyo fin es mantener a las mujeres en desventaja y desigualdad en el mundo y en las relaciones con los hombres, permite excluir a las mujeres del acceso a bienes, recursos y oportunidades; contribuye a desvalorizar, denigrar y amedrentar a las mujeres y reproduce el dominio patriarcal”.

¹⁴ No original: “El cautiverio caracteriza a las mujeres por su subordinación al poder”.

¹⁵ No original: “por la privación de la libertad, por la opresión”.

Outro corpo analisado pela crítica literária é o de Cecília, do romance *Infâmia*, de Ana Maria Machado. Vítima de uma série de injunções do marido, que queria se livrar dela, e desacreditada por todos, inclusive por seus pais, a personagem encontra no suicídio a única saída. Cecília é, portanto, para a crítica literária, o *corpo caluniado* (Xavier, 2021, p. 221).

Podemos, assim, pensar no corpo de Ana também como o *corpo caluniado*, no sentido de um corpo desprezado, insultado, mas, para além disso, trata-se de um corpo vilipendiado, tanto em vida como após a morte.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *Outra travessia*, n. 5, p. 9-16, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BARANDELA, Ana Margarita. Policial, violencia y memoria en Catedrales de Claudia Piñeiro. *Frontería*, Foz do Iguaçu, v. 2, n. 3, agosto-dezembro de 2021. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/litcomparada/article/view/3030>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais*. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GALLEGO CUIÑAS, Ana. Claves para pensar las literaturas latinoamericanas del siglo XXI. *Ínsula*, Barcelona, p. 1-4, jul.-ago. 2018. Disponível em: <https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/69088/Claves_para_pensar_las_literaturas_latinoamericanas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 jun. 2024.

GALLEGO CUIÑAS, A. Feminismo y literatura (argentina) mundial: Selva Almada, Mariana Enríquez y Samanta Schweblin. In: GUERRERO, G.; LOCANE, J. J.; LOY, B.; MÜLLER, G. (Eds.). *Literatura Latinoamericana Mundial*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2020. p. 71-98.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Por la vida y la libertad de las mujeres*. Fin al feminicidio. Fev. 2004. Disponível em: <<http://archivos.diputados.gob.mx/Comisiones/Especiales/Feminicidios/docts/mlagardefeminicidio.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2025.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Siglo XXI Editore, 2015.

LARTATEGUI, Inés. "Catedrales", el libro de la escritora Claudia Piñero, se alza con el premio de mejor novela negra de 2020. *La Nueva España*, Gijón, 16 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.lne.es/gijon/2021/07/16/catedrales-libro-escritora-claudia-pinero-55123058.html>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

LE ROUX, Elisabet; PERTEK, Sandra Iman. *On the significance of religion in violence against women and girls*. Nova Iorque: Routledge, 2023.

ONU MULHERES. *Região da América Latina e do Caribe é a mais violenta do mundo para as mulheres, diz ONU*. 22 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/regiao-da-america-latina-e-do-caribe-e-a-mais-violenta-do-mundo-para-as-mulheres-diz-onu/>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

PIÑEIRO, Claudia. *Catedrales*. Buenos Aires: Alfaguara, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero patriarcado violência*. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SEGATO, Rita Laura. *Que és um feminicídio*. Notas para un debate emergente. Brasília, 2006. Disponível em: <<https://www.nodo50.org/codoacodo/enero2010/segato.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2024.

SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2021.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

Recebido em: 20/01/2025

Aceito em: 01/05/2025